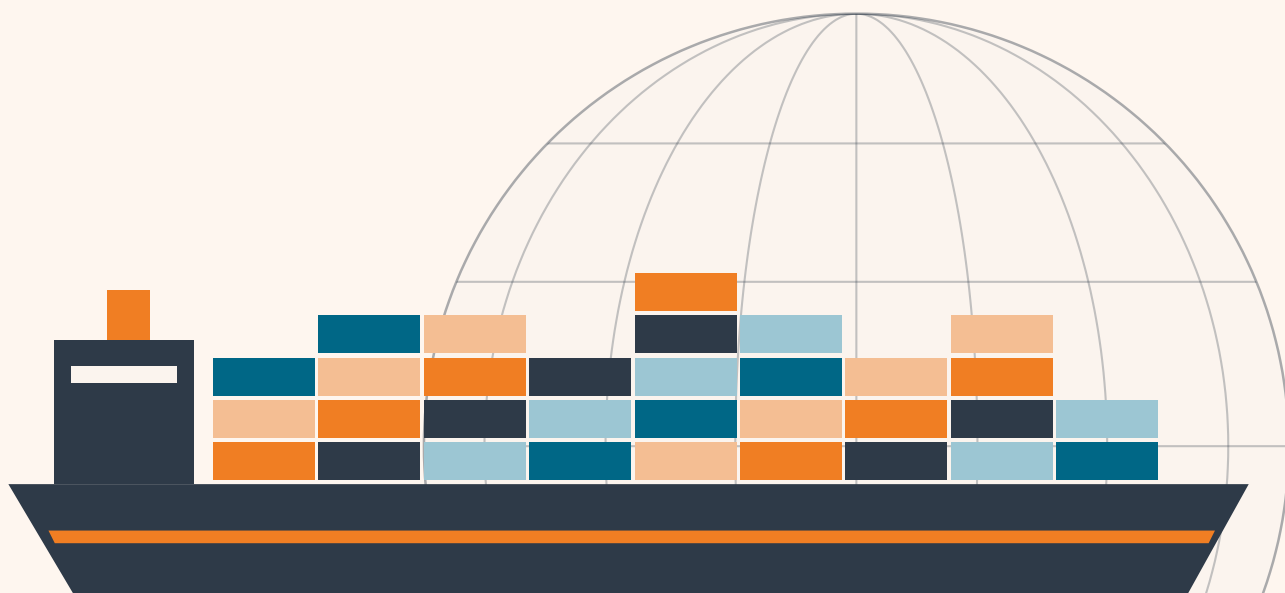


Balança Comercial Brasileira



3T

Balança Comercial Brasileira

Terceiro trimestre de 2026

SUMÁRIO

Introdução	2
A) Panorama do trimestre: crescimento puxado pelos preços	3
B) Produtos: petróleo e soja à frente das exportações, derivados de petróleo das importações	5
C) Destinos e origens no ano: Europa e Índia avançam, Estados Unidos e Mercosul recuam	6
D) A União Europeia: o salto concentrado no terceiro trimestre	8
E) Índia: petróleo, óleos vegetais e cobre multiplicam as exportações	10
F) Estados Unidos: exportações em queda no ano, primeiro trimestre sob a Seção 301	11
G) Outros parceiros: China, ASEAN, Mercosul, México e Canadá	13
Considerações finais	16
Notas metodológicas	16

INTRODUÇÃO

O terceiro trimestre de 2026 foi marcado por quatro choques externos: a interrupção do fluxo de petróleo do Golfo, que levou o Brent acima de US\$ 100 em julho e setembro; a entrada em vigor de novas tarifas americanas sobre produtos brasileiros (as Seções 301), em 22 e 24 de julho; a retirada do Brasil, em 3 de setembro, da lista de países habilitados a exportar produtos de origem animal para a União Europeia (UE); e o esgotamento da cota chinesa de carne bovina, acima da qual incide uma sobretaxa de 55%. O período também foi o primeiro trimestre completo de vigência do acordo Mercosul–UE. Nesse contexto, o comércio exterior brasileiro continuou crescendo, mas o resultado foi fortemente influenciado pela alta dos preços.

Entre julho e setembro, as exportações somaram US\$ 100,73 bilhões, alta de 9,3% em relação ao mesmo período de 2025, e as importações, US\$ 79,66 bilhões (+4,7%). O superávit comercial foi de US\$ 21,07 bilhões, enquanto a corrente de comércio alcançou US\$ 180,39 bilhões (+7,2%). Na comparação com os três meses anteriores (abril a junho), as exportações ficaram praticamente estáveis (–0,6%), e as importações cresceram 7,3%. No acumulado de janeiro a setembro, as exportações somam US\$ 284,65 bilhões (+10,4% frente ao mesmo intervalo de 2025) e as importações, US\$ 222,26 bilhões (+5,0%).

O principal destaque, mais uma vez, está nos parceiros comerciais. As exportações para a UE cresceram 34,5% frente ao mesmo período de 2025 e responderam, sozinhas, por mais da metade do aumento das exportações brasileiras. Somadas às exportações para a Índia, que cresceram 87,9% na mesma comparação, os dois destinos explicam quase 70% desse avanço, enquanto a participação da UE na pauta aumentou de 14,0% para 17,3%. A China, principal destino, segue em alta no acumulado do ano (+12,0% de janeiro a setembro, frente ao mesmo intervalo de 2025), embora as exportações para o país tenham caído 4,0% entre julho e setembro, na comparação com os mesmos meses do ano anterior, sobretudo em razão da redução dos embarques de carne bovina. Do lado das importações, a China foi igualmente a principal origem do aumento entre julho e setembro, com acréscimo de US\$ 2,41 bilhões frente ao mesmo período de 2025, o equivalente a 67% do crescimento total das importações. Já as importações provenientes da UE (+3,0%) e da Índia (+4,8%) apresentaram variações mais modestas.

Os dados permitem duas leituras principais. A primeira é que o Brasil exportou mais caro, e não mais em volume: frente ao mesmo período de 2025, os preços das exportações subiram 9,4%, enquanto a quantidade exportada caiu 0,4%. O aumento foi puxado por cinco produtos (petróleo bruto, soja, derivados de petróleo, minério de cobre e farelo de soja), e em quatro deles o ganho veio principalmente do preço, e não do volume; a exceção é o farelo de soja. No petróleo bruto, por exemplo, o valor exportado cresceu 33,3%, com alta de 23,5% no preço por tonelada e de 8,0% no volume. Ainda assim, houve ganhos de quantidade em produtos e destinos específicos: cobre, café, farelo de soja, carne de aves e petróleo bruto embarcaram mais toneladas do que um ano antes, assim como os fluxos para a Índia e a UE, com destaque para o petróleo destinado à Índia, cujo volume mais que dobrou. Combustíveis e mineração ampliaram sua participação na pauta, de 28,0% para 31,3%, enquanto as manufaturas perderam espaço, de 24,0% para 22,5%. Nas importações, os derivados de petróleo responderam por 70% do aumento.

A segunda leitura diz respeito ao efeito das medidas comerciais, que se mostra desigual. Tarifas e acordos explicam menos do que pode parecer, enquanto limites quantitativos, como a cota chinesa para a carne bovina, já produzem efeitos claros, e barreiras sanitárias tendem a ter impacto direto quando passam a valer. Os principais vetores do aumento das exportações para a UE, como petróleo, cobre e soja, já ingressavam no bloco com tarifas nulas ou baixas, o que afasta o acordo Mercosul–UE como principal explicação para o salto observado. Nos Estados Unidos, as exportações recuam 6,5% de janeiro a setembro, e a alta registrada entre julho e setembro (+8,5% frente ao mesmo período de 2025) veio de produtos isentos das Seções 301. O petróleo, também isento, recuou 35,8% no acumulado do ano, o que sugere a realocação de parte dos embarques para a UE e a Ásia.

Na carne bovina, esse efeito já é visível. O esgotamento da cota chinesa derrubou as exportações do produto para a China em 75,5% frente ao mesmo período de 2025 (–US\$ 2,12 bilhões) e contribuiu para a queda das exportações totais para o país, apesar do avanço dos embarques de petróleo e celulose. A retomada está prevista para novembro, quando os embarques passam a ser contabilizados na cota de 2027. A suspensão sanitária europeia, em vigor desde 3 de setembro, por sua vez, ainda não aparece no agregado das exportações para a UE. A Abrafrigo estima uma perda de cerca de US\$ 700 milhões entre setembro e dezembro, mas o impacto por produto só poderá ser mensurado com os dados do último trimestre do ano. Assim, enquanto a cota chinesa já apresenta um efeito observado e de prazo definido, a suspensão europeia ainda tem um impacto estimado e sem horizonte definido, pois depende de uma decisão da UE.

Os valores aqui apresentados partem dos dados revisados da divulgação de setembro do Boletim Econômico do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC); as notas metodológicas estão ao final.

A) PANORAMA DO TRIMESTRE: CRESCIMENTO PUXADO PELOS PREÇOS

No total, o crescimento das exportações no trimestre foi explicado pela alta dos preços. Segundo os índices de preço e de volume (quantum) do MDIC, o valor exportado aumentou 9,3% em relação ao T3/2025, enquanto os preços subiram 9,4% e o volume recuou 0,4%. Nas importações, o valor aumentou 4,7%, resultado de preços 11,1% mais altos e de uma queda de 2,7% no volume. O resultado das importações, porém, deve ser interpretado com cautela, porque o valor do T3/2025 foi inflado por operações pontuais. Naquele trimestre, o Brasil importou US\$ 2,55 bilhões em plataformas de exploração de petróleo, embarcações e outras estruturas flutuantes, enquanto, no T3/2026, esse valor foi de apenas US\$ 0,08 bilhão. Desconsiderando essas operações, as importações cresceram 8,3%, em um resultado mais alinhado ao comportamento dos preços e do volume.

A composição das exportações também ajuda a explicar esse desempenho. Segundo a classificação da Organização Mundial do Comércio (OMC) (Tabela 1), o aumento de 9,3% em relação ao T3/2025 foi concentrado principalmente em combustíveis e mineração, cujas exportações cresceram 22,3%. O grupo respondeu por 67% do aumento total e ampliou sua participação na pauta de 28,0% para 31,3%. A agricultura, por sua vez, cresceu 4,1%, enquanto as manufaturas avançaram 2,1%. Apesar do crescimento, os dois grupos perderam participação no total exportado, passando de 46,0% para 43,8% e de 24,0% para 22,5%, respectivamente. As manufaturas, em particular, contribuíram com apenas 5% do aumento das exportações no período.

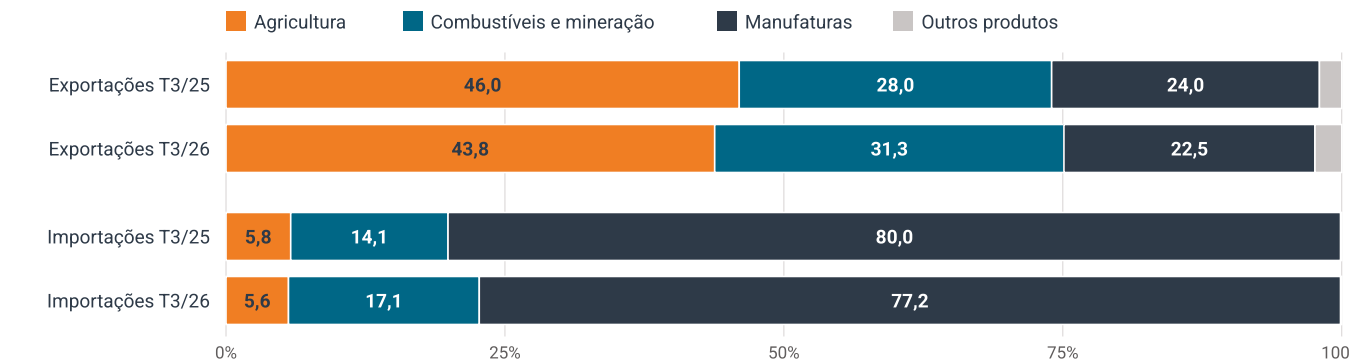
Na comparação com o trimestre anterior, a agricultura recuou 5,8%, principalmente em razão da queda de 29,5% nas exportações de soja. O resultado foi parcialmente compensado pelo milho, cujas exportações aumentaram 817% em relação ao T2/2026, em meio à colheita da segunda safra. Nas importações, as manufaturas continuam sendo o principal grupo, respondendo por 77,2% das importações brasileiras. Ainda assim, o crescimento em relação ao T3/2025 também foi puxado por combustíveis e mineração, cujas importações aumentaram 27,2%. Com isso, a participação desse grupo no total importado passou de 14,1% para 17,1%, com destaque para os derivados de petróleo.

Tabela 1 – Exportações e importações do T3 pela classificação da OMC.

Exportações						Importações					
Bloco (OMC)	T3/26 (US\$ bi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26	Part. % T3/25	Bloco (OMC)	T3/26 (US\$ bi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26	Part. % T3/25
Agricultura	44,1	+4,1	-5,8	43,8	46,0	Agricultura	4,5	+0,9	+5,2	5,6	5,8
Combustíveis e mineração	31,6	+22,3	+3,4	31,3	28,0	Combustíveis e mineração	13,6	+27,2	+24,2	17,1	14,1
Manufaturas	22,6	+2,1	+4,7	22,5	24,0	Manufaturas	61,5	+1,1	+4,3	77,2	80,0
Outros produtos	2,4	+34,0	+2,8	2,4	2,0	Outros produtos	0,1	-10,6	-26,3	0,1	0,1
Total	100,7	+9,3	-0,6	100,0	100,0	Total	79,7	+4,7	+7,3	100,0	100,0

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); OMC (World Trade Statistical Review 2023, cap. 4); elaboração própria. Classificação da OMC sobre a CUCI Rev. 3. "Agricultura" segue a denominação da OMC e inclui alimentos processados; "Outros produtos" reúne ouro não monetário (US\$ 2,30 bilhões nas exportações do T3/2026), armas e munições e transações especiais. O valor importado inclui as plataformas e outras estruturas flutuantes (ver notas metodológicas).

Gráfico 1 – Composição das exportações e importações pela classificação da OMC (% do total)



Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); OMC; elaboração própria.

B) PRODUTOS: PETRÓLEO E SOJA À FRENTE DAS EXPORTAÇÕES, DERIVADOS DE PETRÓLEO DAS IMPORTAÇÕES

Entre os principais produtos exportados (Tabela 2), o crescimento em relação ao T3/2025 ficou concentrado em poucos itens. Petróleo bruto (+US\$ 3,93 bilhões), soja (+US\$ 1,78 bilhão), derivados de petróleo (+US\$ 1,25 bilhão), minério de cobre (+US\$ 0,97 bilhão) e farelo de soja (+US\$ 0,73 bilhão) somaram US\$ 8,67 bilhões de aumento, valor ligeiramente superior ao crescimento total das exportações no trimestre (US\$ 8,55 bilhões), porque o conjunto dos demais produtos recuou US\$ 0,11 bilhão. Nesse conjunto, as maiores quedas vieram de açúcares (–US\$ 1,32 bilhão; –31,0%), minério de ferro (–US\$ 1,04 bilhão; –13,3%), carne bovina (–US\$ 0,93 bilhão; –19,3%) e milho (–US\$ 0,70 bilhão; –20,7%), que somaram –US\$ 3,97 bilhões e foram quase inteiramente compensadas pelo avanço de outros produtos.

O petróleo bruto foi o principal responsável pelo avanço das exportações. Os embarques cresceram 33,3% em relação ao T3/2025, passando de US\$ 11,79 bilhões para US\$ 15,72 bilhões. O produto respondeu sozinho por 45,9% do aumento total e elevou sua participação na pauta de 12,8% para 15,6%. Em relação ao trimestre anterior, o valor exportado também cresceu, mas em ritmo menor, com alta de 8,6%. O minério de cobre apresentou um aumento ainda mais expressivo na comparação anual, de 72,6%, embora o valor exportado tenha ficado praticamente estável em relação ao T2/2026, com alta de apenas 0,6%. O resultado sugere que o produto alcançou um novo patamar de exportações, sem aceleração adicional no trimestre. Já a soja, segundo principal item da pauta, recuou 29,5% em relação ao T2/2026. A carne bovina também apresentou queda, de 19,3% frente ao T3/2025 e de 24,0% na comparação com o trimestre anterior, em um movimento associado ao esgotamento da cota chinesa (box China, seção G).

A análise das quantidades exportadas, medidas em toneladas, ajuda a identificar quais produtos efetivamente tiveram aumento de volume. Em relação ao T3/2025, cresceram as exportações de minério de cobre (+21,1%), café não torrado (+19,2%), farelo de soja (+16,9%), carne de aves (+13,6%), petróleo bruto (+8,0%) e soja (+5,7%). Em contrapartida, caíram os volumes exportados de milho (–29,9%), carne bovina (–28,0%), açúcares (–20,7%) e minério de ferro (–7,1%). No caso do petróleo bruto, o aumento da quantidade explica apenas parte do crescimento do valor exportado, já que o preço médio por tonelada também subiu 23,5%. O café apresenta movimento oposto: o volume exportado aumentou, mas o preço médio por tonelada caiu 13,7%.

Do lado das importações, os derivados de petróleo foram o principal destaque. As importações do produto chegaram a US\$ 6,72 bilhões, 60,7% acima do T3/2025 e 49,4% acima do T2/2026, respondendo por 70% do aumento total das importações na comparação anual. Assim, o país exportou mais petróleo bruto e, ao mesmo tempo, importou mais combustível refinado. Na sequência, destacaram-se semicondutores, diodos e transistores, cujas importações cresceram 52,6%, com acréscimo de US\$ 0,95 bilhão, e medicamentos, com alta de 24,4%. Entre os dez principais produtos importados, os fertilizantes registraram a maior queda, de 19,8%, equivalente a US\$ 1,02 bilhão, mas continuam sendo o segundo principal item da pauta importadora. O gás natural também recuou de forma significativa, com queda de 43,1%, ou US\$ 0,51 bilhão.

As importações de máquinas de processamento de dados também chamam atenção. Considerando as três origens para as quais este relatório detalha as importações por produto (México, Estados Unidos e ASEAN), as importações somaram US\$ 1,38 bilhão no T3/2026, US\$ 1,02 bilhão a mais que no mesmo trimestre de 2025. Esse movimento é compatível com a expansão da infraestrutura digital e encontra um paralelo, do lado das exportações, no aumento da demanda por cobre.

Nos fertilizantes, o Brasil continua ampliando e diversificando sua base de fornecedores. Entre janeiro e setembro, as importações em volume foram 15,5% menores que no mesmo período de 2025, totalizando 29,46 milhões de toneladas, entre adubos químicos e fertilizantes brutos. Ao mesmo tempo, a importação ficou menos concentrada nos principais fornecedores. A Rússia, que continua sendo a principal origem, reduziu sua participação de 25,3% para 21,1% do volume importado, enquanto a participação da China caiu de 23,3% para 17,6%. Em sentido contrário, o Canadá aumentou sua participação de 12,2% para 14,5%, e o Turcomenistão passou de uma participação praticamente inexistente em 2025, de 0,2%, para 6,2%, o equivalente a 1,83 milhão de toneladas. Os dados do T3/2026 reforçam essa tendência de diversificação: em relação ao T3/2025, as importações provenientes da Rússia e do Canadá caíram cerca de 25% em toneladas, enquanto as da China recuaram 60,1%. No mesmo período, as importações originárias do Turcomenistão aumentaram de 70,5 mil para 530,3 mil toneladas.

Tabela 2 – Dez principais produtos exportados e importados no T3/2026 (US\$ milhões).

Exportações						Importações					
#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26	#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Petróleo bruto	15.716,7	+33,3	+8,6	15,6	1	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	6.717,0	+60,7	+49,4	8,4
2	Soja	13.760,0	+14,9	-29,5	13,7	2	Adubos e fertilizantes químicos	4.133,9	-19,8	+3,8	5,2
3	Minério de ferro	6.772,9	-13,3	-5,8	6,7	3	Medicamentos (exceto veterinários)	2.916,8	+24,4	+21,8	3,7
4	Carne bovina	3.881,7	-19,3	-24,0	3,9	4	Semicondutores, diodos e transistores	2.753,4	+52,6	+4,1	3,5
5	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	3.833,0	+48,6	+2,8	3,8	5	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	2.708,2	+12,7	+10,7	3,4
6	Café não torrado	3.206,5	+2,9	+9,7	3,2	6	Compostos organo-inorgânicos e heterocíclicos	2.351,3	-4,2	+5,5	3,0
7	Açúcares e melaços	2.934,8	-31,0	+31,8	2,9	7	Outros medicamentos (inclui veterinários)	1.987,3	-0,8	-4,0	2,5
8	Celulose	2.920,2	+29,1	+12,8	2,9	8	Petróleo bruto	1.930,2	+4,8	+8,5	2,4
9	Farelo de soja e outras rações	2.909,3	+33,7	0,0	2,9	9	Defensivos agrícolas	1.767,6	-11,7	+74,7	2,2
10	Carne de aves	2.705,2	+25,9	+3,2	2,7	10	Equipamentos de telecomunicações	1.717,1	+8,1	+14,9	2,2
Total		100.727,7	+9,3	-0,6	100,0	Total		79.660,6	+4,7	+7,3	100,0

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria. Produtos por grupo da CUCI, ordenados pelo valor do T3/2026. Part. %: participação no total exportado ou importado no T3/2026.

C) DESTINOS E ORIGENS NO ANO: EUROPA E ÍNDIA AVANÇAM, ESTADOS UNIDOS E MERCOSUL RECUAM

No acumulado de janeiro a setembro (Tabela 3), a Europa foi a região que mais cresceu como destino das exportações brasileiras, com alta de 20,2% frente ao mesmo período de 2025. Sua participação passou de 18,2% para 19,8%, puxada pelo avanço de 20,0% nas exportações para a União Europeia. A Ásia continua como principal destino, concentrando 44,4% das exportações e crescendo 13,8%. Os embarques para a China aumentaram 12,0%, enquanto os demais destinos asiáticos, reunidos na categoria "Outros", cresceram 47,3% (+US\$ 4,85 bilhões). A Índia, que integra essa categoria, respondeu por US\$ 3,79 bilhões desse aumento, cerca de 78% do total.

Na América do Norte, as exportações recuaram 1,1%, principalmente devido à queda de 6,5% nas exportações para os Estados Unidos, cuja participação passou de 11,4% para 9,6%. O resultado foi parcialmente compensado pelo crescimento das exportações para o México (+14,8%) e o Canadá (+12,1%). Para o Mercosul, os embarques caíram 10,4%, com destaque para a queda de 18,5% nas exportações para a Argentina.

Do lado das importações, a Ásia ganhou espaço entre janeiro e setembro, passando de 39,0% para 41,2% das importações brasileiras, com crescimento de 11,0%. As importações da China aumentaram 9,9%, enquanto as da ASEAN recuaram 11,6%. Entre os demais fornecedores, as importações originárias dos Estados Unidos caíram 7,1%, reduzindo sua participação de 16,2% para 14,3%, enquanto as da Coreia do Sul mais que dobraram (+103,4%) e as do México cresceram 34,9%. Esses avanços, porém, estão concentrados em poucos produtos e períodos. No caso da Coreia, 62% do aumento ocorreu em fevereiro, quando as importações do país chegaram a US\$ 2,95 bilhões, ante US\$ 0,42 bilhão no mesmo mês de 2025, mês em que o Brasil também importou US\$ 2,45 bilhões em plataformas e outras estruturas flutuantes. Excluindo fevereiro, o crescimento foi de 44,3%. No México, máquinas de processamento de dados responderam por 77% do aumento das importações no T3/2026 frente ao T3/2025. A Europa, segunda principal região de origem, com 23,9% das importações, permaneceu praticamente estável, com alta de 1,6%. As importações da União Europeia cresceram apenas 0,8%.

Tabela 3 – Exportações por destino e importações por origem, janeiro–setembro de 2026 (US\$ milhões).

Região / país ou bloco	EXPORTAÇÕES (DESTINO)			IMPORTAÇÕES (ORIGEM)		
	Exp. jan–set/26	Part. % exp.	Var. % exp.	Imp. jan–set/26	Part. % imp.	Var. % imp.
Ásia	126.489,4	44,4	+13,8	91.599,8	41,2	+11,0
China	84.677,4	29,7	+12,0	58.622,9	26,4	+9,9
ASEAN	18.393,0	6,5	+5,8	9.948,4	4,5	-11,6
Coreia do Sul	3.852,8	1,4	-3,9	8.090,9	3,6	+103,4
Japão	4.459,6	1,6	+14,2	4.435,0	2,0	-6,0
Outros da Ásia	15.106,7	5,3	+47,3	10.502,6	4,7	+13,9
América do Norte	39.762,6	14,0	-1,1	40.497,3	18,2	-1,3
Estados Unidos	27.462,4	9,6	-6,5	31.792,9	14,3	-7,1
México	6.606,5	2,3	+14,8	5.983,8	2,7	+34,9
Canadá	5.693,7	2,0	+12,1	2.720,7	1,2	+14,9
América do Sul	32.198,0	11,3	-0,2	22.993,0	10,3	+7,9
Mercosul	17.479,7	6,1	-10,4	14.147,7	6,4	+4,2
Argentina	11.583,6	4,1	-18,5	9.952,1	4,5	+4,4
Com. Andina de Nações	8.091,1	2,8	+20,8	3.863,0	1,7	+10,1
Outros da América do Sul	6.627,2	2,3	+9,2	4.982,3	2,2	+18,2
América Central e Caribe	4.756,2	1,7	+14,9	1.102,6	0,5	-24,9
Europa	56.397,9	19,8	+20,2	53.230,1	23,9	+1,6
União Europeia	44.149,2	15,5	+20,0	38.050,3	17,1	+0,8
Rússia	1.308,3	0,5	+23,8	7.654,0	3,4	-0,4
Outros da Europa	10.940,4	3,8	+20,3	7.525,8	3,4	+7,7
Oriente Médio	11.603,4	4,1	+2,7	5.289,0	2,4	+5,2
África	11.705,3	4,1	+9,7	6.102,5	2,7	-6,9
Oceania	1.077,6	0,4	+20,8	885,3	0,4	+10,0
País não declarado/sem informação	663,0	0,2	+96,1	556,3	0,3	+25,9
Total	284.653,4	100,0	+10,4	222.255,9	100,0	+5,1

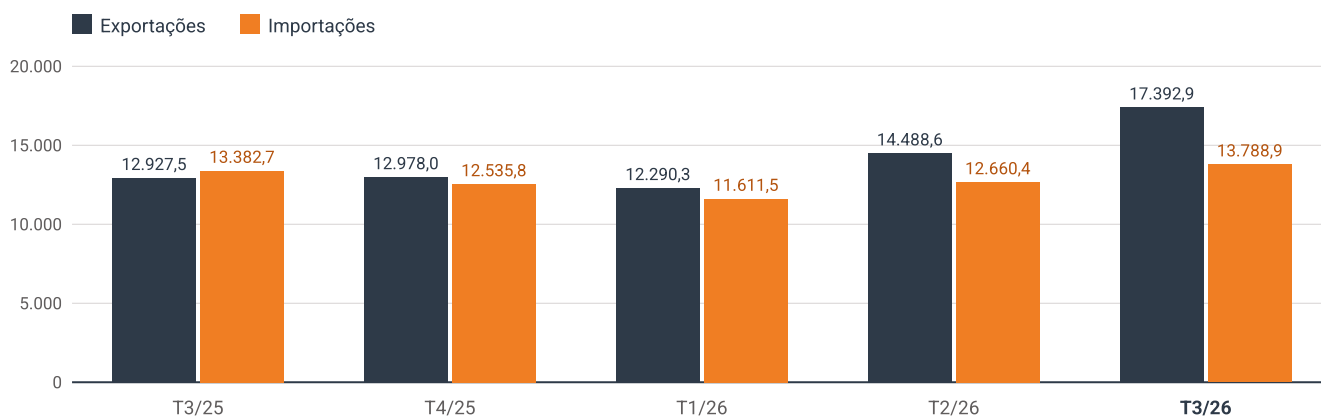
Fonte: MDIC, tabela Países e Blocos da divulgação de setembro. Var. %: janeiro–setembro de 2026 frente ao mesmo período de 2025. Nessa tabela a UE tem definição ligeiramente menor que a do ComexStat, usada nas demais seções (ver notas metodológicas).

D) A UNIÃO EUROPEIA: O SALTO CONCENTRADO NO TERCEIRO TRIMESTRE

D.1 – Dimensão do movimento

As exportações para a União Europeia (UE) somaram US\$ 17,39 bilhões no T3/2026, alta de 34,5% frente ao T3/2025, e representaram 17,3% das exportações brasileiras. No acumulado de janeiro a setembro, chegaram a US\$ 44,17 bilhões, crescimento de 20,0% em relação ao mesmo período de 2025 e equivalente a 15,5% do total exportado. Em relação ao T2/2026, as exportações cresceram 20,0%, mantendo a trajetória de alta pelo segundo trimestre consecutivo (Gráfico 2). O aumento de US\$ 4,47 bilhões no T3/2026 corresponde a 61% do crescimento acumulado de janeiro a setembro (US\$ 7,38 bilhões). Nas importações, a UE forneceu US\$ 13,79 bilhões no T3/2026, alta de 3,0% frente ao T3/2025. Assim, o aumento da corrente de comércio com o bloco foi impulsionado principalmente pelas exportações. Em toneladas, os embarques brasileiros para a UE cresceram 17,1% frente ao T3/2025, e os de petróleo bruto, 32,2%.

Gráfico 2 – Comércio Brasil–UE por trimestre (US\$ milhões)



Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria. UE conforme definição do ComexStat.

D.2 – Quais produtos explicam o salto

O aumento das exportações para a UE está concentrado em poucos produtos (Tabela 4). Petróleo bruto, minério de cobre, soja e farelo de soja responderam por cerca de 68% do aumento de US\$ 4,47 bilhões frente ao T3/2025. O café, segundo produto mais exportado para a UE no T3/2026, foi o único entre os cinco principais a apresentar queda (-3,8%).

Petróleo bruto: as exportações aumentaram US\$ 1,61 bilhão (+60,5% frente ao T3/2025 e +69,7% frente ao T2/2026), respondendo por 36% do aumento total. A participação da UE nas exportações brasileiras de petróleo passou de 22,6% para 27,2%. O avanço parece estar mais relacionado ao aumento da oferta brasileira e à busca de fornecedores alternativos por parte de compradores afetados pela interrupção do fluxo do Golfo do que a mudanças de política comercial. A produção brasileira atingiu o recorde de 4,5 milhões de barris/dia em julho (+13,6% frente a julho de 2025, segundo a ANP), enquanto mais de 10 milhões de barris/dia de produção permaneceram paralisados no Golfo em agosto, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE). Além disso, o petróleo brasileiro já entrava na UE com tarifa zero antes do acordo Mercosul–UE, o que afasta o acordo como principal explicação para o aumento.

Minério de cobre: as exportações para a UE cresceram US\$ 0,68 bilhão (+84,1% frente ao T3/2025), elevando a participação do bloco nas exportações brasileiras de cobre de 60,9% para 64,9%. A Índia também ampliou suas importações do produto, de US\$ 20 milhões para US\$ 352 milhões. Juntas, UE e Índia responderam por 80% do cobre exportado pelo Brasil no T3/2026. O desempenho do produto está associado à maior demanda por infraestrutura elétrica e digital.

Soja, farelo de soja e café: a soja (+68,5% frente ao T3/2025) e o farelo de soja (+29,8%) também apresentaram crescimento, enquanto as exportações de café recuaram 3,8%. Juntos, os três produtos responderam por 22,2% das exportações brasileiras para a UE no T3/2026 e estão sujeitos ao regulamento europeu sobre desmatamento (ver D.4).

Nas importações, os dois grupos de medicamentos somaram US\$ 2,47 bilhões, equivalentes a 17,9% das importações provenientes da UE no T3/2026, com crescimento de 18,6% frente ao T3/2025. Os derivados de petróleo registraram o maior aumento absoluto, de US\$ 570 milhões (+247,6%), superando, sozinhos, o aumento total das importações provenientes do bloco, de US\$ 406 milhões.

Tabela 4 – Cinco principais produtos exportados à UE e importados da UE no T3/2026 (US\$ milhões).

Exportações à UE

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Petróleo bruto	4.277,8	+60,5	+69,7	24,6
2	Café não torrado	1.524,1	-3,8	+8,6	8,8
3	Minério de cobre	1.498,4	+84,1	+11,1	8,6
4	Farelo de soja e outras rações	1.323,7	+29,8	+9,5	7,6
5	Soja	1.016,2	+68,5	-36,2	5,8
Total		17.392,9	+34,5	+20,0	100,0

Importações da UE

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Medicamentos (exceto veterinários)	1.363,9	+19,4	+8,3	9,9
2	Outros medicamentos (inclui veterinários)	1.103,2	+17,6	+16,7	8,0
3	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	800,5	+247,6	+134,1	5,8
4	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	654,7	-5,9	+0,4	4,7
5	Compostos organo-inorgânicos e heterocíclicos	465,8	-2,6	-12,9	3,4
Total		13.788,9	+3,0	+8,9	100,0

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria. UE conforme definição do ComexStat. Ordenados pelo valor do T3/2026; a linha Total refere-se a todo o comércio com a UE.

D.3 – O acordo Mercosul–UE: causa ou pano de fundo?

O acordo segue como pano de fundo institucional desde 1º de maio de 2026, mas os dados do trimestre recomendam cautela na atribuição causal. Os principais responsáveis pelo aumento das exportações para a UE, petróleo bruto, minério de cobre, soja e farelo de soja, são, em geral, produtos que já ingressavam no bloco com tarifas nulas ou muito baixas. O avanço das exportações está, portanto, mais relacionado a fatores como preços, demanda e oferta. Além disso, produtos mais sensíveis ao acordo, como carne bovina, aves, alumínio e açúcar, não aparecem entre os cinco principais itens exportados. A alta observada em diferentes produtos sugere que o resultado não decorre de um único fator, embora as exportações de petróleo e soja permaneçam sujeitas a variações de preços, ao calendário de safra e à realocação de cargas, podendo apresentar reversão nos próximos trimestres.

D.4 – Riscos à continuidade

- **Barreira sanitária desde setembro:** em 3 de setembro o Brasil foi retirado da lista de países habilitados a exportar produtos de origem animal à UE (carne bovina, aves e mel). A Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) estimou perda de cerca de 70 mil toneladas (aproximadamente US\$ 700 milhões) entre setembro e dezembro; o efeito pleno só aparecerá na análise do T4.
- **Regulamento antidesmatamento (EUDR):** a partir de 30 de dezembro de 2026 passam a valer as exigências para grandes e médios operadores, em produtos como soja e derivados, café, carne bovina, madeira e celulose. Café, farelo de soja e soja somam 22,2% das exportações à UE no T3/2026.

- **Dependência de preços e de choques de oferta:** petróleo bruto e minério de cobre responderam por 33,2% das exportações à UE no T3/2026, contra 26,9% no T3/2025. Como são commodities, o valor embarcado depende das cotações: o preço médio por tonelada do petróleo vendido à UE foi 21,4% maior que no T3/2025. Se a oferta global de petróleo se normalizar, ou se a demanda por cobre desacelerar, a receita com a UE recua por fatores externos, independentemente da competitividade brasileira.
- **Composição da pauta:** entre os cinco principais produtos exportados à UE no T3/2026 não há manufaturados de maior conteúdo tecnológico, enquanto a UE fornece sobretudo medicamentos, derivados de petróleo e autopeças (Tabela 4). Mantém-se, assim, um padrão em que o Brasil exporta matérias-primas e alimentos e importa bens de maior valor agregado.

E) ÍNDIA: PETRÓLEO, ÓLEOS VEGETAIS E COBRE MULTIPLICAM AS EXPORTAÇÕES

As exportações para a Índia somaram US\$ 3,15 bilhões no T3/2026, alta de 87,9% frente ao T3/2025 e de 24,3% em relação ao T2/2026. No acumulado de janeiro a setembro, chegaram a US\$ 8,23 bilhões, crescimento de 85,5% frente ao mesmo período de 2025. O aumento no trimestre ficou concentrado em três produtos, que representam 62% das exportações para o país e explicam 95% do crescimento em relação ao T3/2025 (Tabela 5). O petróleo bruto somou US\$ 896 milhões, com aumento de US\$ 625 milhões, enquanto as exportações de óleos vegetais chegaram a US\$ 706 milhões, alta de 170,1%. Já as exportações de minério de cobre passaram de US\$ 20 milhões para US\$ 352 milhões. Em sentido contrário, os embarques de açúcar recuaram 29,2%.

As importações provenientes da Índia somaram US\$ 2,44 bilhões no T3/2026, alta de 4,8% frente ao T3/2025, com destaque para derivados de petróleo, que totalizaram US\$ 477 milhões, e compostos organo-inorgânicos e heterocíclicos, com US\$ 410 milhões. Em toneladas, as exportações brasileiras para a Índia cresceram 35,5% frente ao T3/2025. O petróleo bruto foi o principal destaque, com o volume embarcado passando de 609 mil para 1,38 milhão de toneladas, mais que o dobro do registrado no T3/2025.

Tabela 5 – Cinco principais produtos exportados à Índia e importados da Índia no T3/2026 (US\$ milhões).

Exportações à Índia

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Petróleo bruto	895,7	+230,6	-11,3	28,4
2	Óleos vegetais "soft" (inclui óleo de soja)	705,9	+170,1	+34,5	22,4
3	Minério de cobre	352,1	+1.625,1	+48,9	11,2
4	Açúcares e melaços	241,4	-29,2	+182,2	7,7
5	Minério de ferro	199,5	+22,1	+92,0	6,3
Total		3.154,0	+87,9	+24,3	100,0

Importações da Índia

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	476,5	+25,8	+3.625,8	19,5
2	Compostos organo-inorgânicos e heterocíclicos	409,9	-12,6	+15,6	16,8
3	Outros medicamentos (inclui veterinários)	175,9	+9,9	+12,0	7,2
4	Defensivos agrícolas	150,0	+25,6	+164,0	6,1
5	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	87,6	+1,9	+11,2	3,6
Total		2.441,3	+4,8	+33,9	100,0

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria. Ordenados pelo valor do T3/2026; a linha Total refere-se a todo o comércio com a Índia.

F) ESTADOS UNIDOS: EXPORTAÇÕES EM QUEDA NO ANO, PRIMEIRO TRIMESTRE SOB A SEÇÃO 301

De janeiro a setembro de 2026, as exportações brasileiras para os Estados Unidos somaram US\$ 27,46 bilhões, queda de 6,5% tanto em relação ao mesmo período de 2025 quanto ao de 2024, já que as exportações de 2025 ficaram praticamente iguais às de 2024 (Tabela 6). Com isso, a participação dos EUA na pauta exportadora brasileira caiu de 11,4% para 9,6% frente a janeiro–setembro de 2025. As importações provenientes dos Estados Unidos também recuaram, 7,1% em relação a 2025, para US\$ 31,79 bilhões, mas ainda ficaram 3,6% acima do registrado em 2024.

Tomando 2024, anterior às tarifas adicionais de 2025 e 2026, como referência, a queda aparece apenas em 2026. No T3/2026, primeiro trimestre sob as Seções 301, as exportações cresceram 8,5% frente ao T3/2025. O aumento, porém, veio principalmente de produtos não atingidos por essas medidas, como carne bovina (+US\$ 456 milhões), semiacabados de aço (+US\$ 308 milhões, sujeitos à Seção 232) e derivados de petróleo (+US\$ 118 milhões). Apesar do resultado positivo no trimestre, esse avanço ainda não foi suficiente para reverter a queda acumulada no ano.

O período analisado é marcado por diferentes regimes tarifários. Em 2025, vigoraram duas tarifas baseadas na IEEPA, lei de 1977 que permite ao presidente dos Estados Unidos adotar medidas econômicas em situações de emergência. A primeira foi a tarifa "recíproca" de 10%, aplicada desde 5 de abril, com exceções para energia e celulose kraft. Em 6 de agosto, entrou em vigor uma tarifa adicional de 40% sobre produtos brasileiros, também com exceções para energia, celulose, ferro-gusa, ferronióbio, aeronaves civis e produtos sujeitos à Seção 232. Até 12 de novembro de 2025, carne bovina e café ficaram sujeitos às duas tarifas.

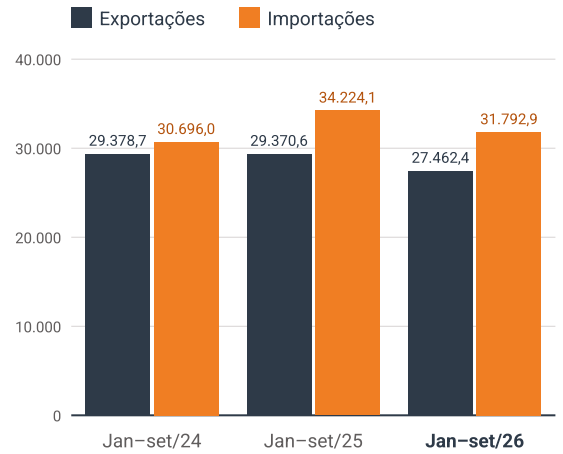
Em 20 de fevereiro de 2026, a Suprema Corte decidiu que a IEEPA não autorizava a aplicação de tarifas, encerrando a cobrança em 24 de fevereiro. No lugar dessas medidas, entrou em vigor uma sobretaxa geral de 10% baseada na Seção 122, dispositivo que permite sobretaxas temporárias de até 150 dias, que permaneceu até 23 de julho. A partir de 22 e 24 de julho, passaram a vigorar duas tarifas adicionais sob as Seções 301, instrumento usado para retaliar práticas comerciais consideradas desleais, de 25% (Seção 301 sobre o Brasil) e de 12,5% (Seção 301 sobre trabalho forçado), que juntas somam 37,5%. Essas tarifas não incidem sobre produtos sujeitos à Seção 232, que impõe tarifas por razões de segurança nacional, e possuem exceções para energia, carne bovina, café, aeronaves, celulose kraft e a maior parte das ferroligas. O aço, por sua vez, permanece sujeito à Seção 232, com tarifa de 50% desde junho de 2025.

Tabela 6 – Comércio Brasil–Estados Unidos, janeiro a setembro (US\$ milhões).

US\$ milhões	Jan–set/24	Jan–set/25	Jan–set/26	Var. % 25/24	Var. % 26/25
Exportações	29.378,7	29.370,6	27.462,4	0,0	-6,5
Importações	30.696,0	34.224,1	31.792,9	+11,5	-7,1

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria.

Gráfico 3 – Comércio Brasil–EUA, janeiro a setembro (US\$ milhões)



Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria.

Entre os dez principais produtos exportados de janeiro a setembro (Tabela 7), o petróleo bruto recuou 35,8% frente a 2025 e 41,0% frente a 2024, apesar de ser isento das tarifas, o que reforça a hipótese de realocação dos embarques para a UE e a Ásia (seção D). A carne bovina, por sua vez, cresceu 82,9% em relação a 2025 e 204,1% frente a 2024. O produto é isento das duas Seções 301 e foi favorecido, em setembro, pela cota adicional de 300 mil toneladas para cortes magros, vigente entre 1º de setembro e 30 de novembro. As exportações de aeronaves, também isentas, cresceram 24,4% frente a 2025. O café, isento das tarifas desde novembro de 2025, ainda recuou 20,0% em relação a 2025, mas permaneceu praticamente no mesmo nível de 2024, com alta de 0,3%. Já os semiacabados de ferro ou aço, sujeitos à Seção 232, com tarifa de 25% desde março de 2025 e de 50% desde junho, recuaram 4,3% frente a 2025 e 12,9% frente a 2024.

Do lado das importações, os derivados de petróleo somaram US\$ 6,86 bilhões entre janeiro e setembro, alta de 68,5% frente ao mesmo período de 2025, e já representam 21,6% das importações brasileiras provenientes dos Estados Unidos. Em sentido contrário, as importações de motores e máquinas não elétricos, que incluem turbinas, recuaram 77,0%. Excluindo esse grupo, as importações provenientes dos EUA teriam crescido 6,7% frente a 2025, em vez de registrar queda de 7,1%, indicando que o recuo no total importado está concentrado, em grande medida, em uma única linha de produtos. Por fim, as negociações entre Brasil e Estados Unidos foram iniciadas em 30 de setembro, sem alteração nas tarifas vigentes, enquanto uma ação contra a tarifa relacionada ao trabalho forçado aguarda decisão da Corte de Comércio Internacional dos EUA.

Tabela 7 – Dez principais produtos exportados aos EUA e importados dos EUA, janeiro a setembro de 2026 (US\$ milhões).

Exportações aos EUA

#	Produto	Jan-set/26 (US\$ mi)	Var. % s/ jan-set/25	Var. % s/ jan-set/24	Part. % jan-set/26	Situação tarifária no T3/2026
1	Semi-acabados de ferro ou aço	2.588,0	-4,3	-12,9	9,4	Seção 232: 50%; isento das Seções 301
2	Petróleo bruto	2.493,4	-35,8	-41,0	9,1	Isento das duas Seções 301 (energia)
3	Aeronaves e partes	2.243,3	+24,4	+36,8	8,2	Isento das duas Seções 301
4	Carne bovina	1.721,5	+82,9	+204,1	6,3	Sem adicional; fora da cota, 26,4% (NMF); cota extra de 300 mil t de 1º/9 a 30/11
5	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	1.479,9	+14,3	+7,1	5,4	Isento das duas Seções 301 (energia)
6	Ferro-gusa e ferroligas	1.269,0	-4,7	-3,8	4,6	Gusa: sem adicional; ferrossilício: 25% + 12,5%, mais antidumping e compensatório
7	Café não torrado	1.211,5	-20,0	+0,3	4,4	Isento das duas Seções 301
8	Equipamentos de engenharia civil	1.141,1	+14,1	+3,7	4,2	Seção 232: 25% (partes: 15%); isento das Seções 301
9	Celulose	1.070,5	+2,6	-14,9	3,9	Kraft: sem adicional; solúvel: 25% + 12,5%
10	Máquinas elétricas (transformadores e conversores)	691,7	+32,5	+82,1	2,5	Transformadores: 25% (Seção 232); conversores estáticos: 25% + 12,5%
Total		27.462,4	-6,5	-6,5	100,0	

Importações dos EUA

#	Produto	Jan-set/26 (US\$ mi)	Var. % s/ jan-set/25	Var. % s/ jan-set/24	Part. % jan-set/26
1	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	6.857,9	+68,5	+147,5	21,6
2	Outros medicamentos (inclui veterinários)	1.678,4	+52,8	+128,4	5,3
3	Aeronaves e partes	1.377,3	-14,4	-10,7	4,3
4	Motores e máquinas não elétricos (inclui turbinas)	1.301,7	-77,0	-70,3	4,1
5	Petróleo bruto	1.241,8	-15,6	+11,1	3,9
6	Medicamentos (exceto veterinários)	1.070,5	+11,4	+38,8	3,4
7	Carvão	870,9	-0,4	-24,6	2,7
8	Instrumentos de medição e controle	788,7	-13,6	-6,2	2,5
9	Máquinas de processamento de dados	594,5	+22,6	+81,4	1,9
10	Adubos e fertilizantes químicos	589,5	+12,1	+23,8	1,9
Total		31.792,9	-7,1	+3,6	100,0

Fonte: MDIC/Secex (ComexStat); USTR e USITC (tarifas, situação em 06/10/2026); elaboração própria. Ordenados pelo valor de janeiro a setembro de 2026. Tarifa adicional significa além da tarifa normal aplicada pelos EUA a todos os membros da OMC (tarifa de nação mais favorecida, NMF). A Seção 232 sobre derivados só incide quando o aço ou o alumínio representa ao menos 15% do peso do produto. Em três grupos a tarifa difere dentro do próprio produto, conforme a linha tarifária: celulose (kraft isenta, solúvel tributada), ferro-gusa e ferroligas (gusa isento, ferrossilício tributado) e máquinas elétricas (transformadores na Seção 232, conversores estáticos nas Seções 301).

G) OUTROS PARCEIROS: CHINA, ASEAN, MERCOSUL, MÉXICO E CANADÁ

China

De janeiro a setembro, frente ao mesmo período de 2025, as exportações à China somaram US\$ 84,68 bilhões (+12,0%; 29,7% da pauta), e as importações, US\$ 58,62 bilhões (+9,9%). No T3/2026, porém, os embarques recuaram 4,0% frente ao T3/2025 (US\$ 26,62 bilhões), queda concentrada em um único produto: a carne bovina (-US\$ 2,12 bilhões; -75,5%), após o esgotamento da cota chinesa de 1,106 milhão de toneladas, acima da qual incide sobretaxa de 55%, com retomada prevista a partir de novembro, quando os embarques passam a ser contabilizados na cota de 2027. Em parte, a queda foi compensada pelo petróleo bruto (+28,2%) e pela celulose (+18,9%). No caso da carne bovina, considerando que o total exportado do produto caiu US\$ 0,93 bilhão frente ao T3/2025, os demais destinos absorveram cerca de US\$ 1,20 bilhão a mais, entre eles os Estados Unidos. As importações originárias da China subiram 13,6% frente ao T3/2025 (US\$ 20,09 bilhões), com as autopeças quase dobrando (+98,0%).

Exportações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Soja	9.762,1	-2,8	-28,7	36,7
2	Petróleo bruto	6.850,8	+28,2	-9,8	25,7
3	Minério de ferro	4.614,9	-15,4	-10,0	17,3
4	Celulose	1.312,8	+18,9	+9,4	4,9
5	Carne bovina	690,4	-75,5	-77,0	2,6
Total		26.620,4	-4,0	-21,7	100,0

Importações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Defensivos agrícolas	1.083,9	+1,7	+131,5	5,4
2	Compostos organo-inorgânicos e heterocíclicos	1.002,5	+0,7	+18,5	5,0
3	Semicondutores, diodos e transistores	924,8	+23,3	-2,2	4,6
4	Equipamentos de telecomunicações	872,4	+7,0	+11,2	4,3
5	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	841,0	+98,0	+51,2	4,2
Total		20.089,1	+13,6	-2,6	100,0

ASEAN

De janeiro a setembro, frente ao mesmo período de 2025, as exportações à ASEAN somaram US\$ 18,39 bilhões (+5,8%), e as importações, US\$ 9,95 bilhões (-11,6%). No T3/2026, as exportações recuaram 2,2% frente ao T3/2025 (US\$ 6,35 bilhões), com alta de petróleo bruto (+50,5%) e soja (+43,4%) e queda do minério de ferro (-23,3%). As importações originárias do bloco caíram 31,6% frente ao T3/2025, sobretudo porque aquele trimestre foi atípico: as importações da ASEAN somaram US\$ 5,46 bilhões, quase metade (48,5%) de tudo o que o Brasil importou do bloco de janeiro a setembro de 2025.

Exportações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Petróleo bruto	1.185,5	+50,5	+2,0	18,7
2	Derivados de petróleo (óleos combustíveis)	928,6	+19,3	-17,3	14,6
3	Soja	816,2	+43,4	-3,2	12,8
4	Farelo de soja e outras rações	744,8	+16,4	-11,1	11,7
5	Minério de ferro	361,9	-23,3	-5,5	5,7
Total		6.354,2	-2,2	-3,5	100,0

Importações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Equipamentos de telecomunicações	372,8	+36,0	+49,0	10,0
2	Semicondutores, diodos e transistores	294,1	-6,8	+8,7	7,9
3	Máquinas de processamento de dados	224,7	+155,5	+71,8	6,0
4	Pneus e câmaras de ar	186,7	+22,3	-5,4	5,0
5	Laminados planos de aço não ligado	152,8	+9.016,3	+150,3	4,1
Total		3.732,6	-31,6	+17,5	100,0

Mercosul

De janeiro a setembro, frente ao mesmo período de 2025, as exportações ao Mercosul caíram 10,4% (US\$ 17,48 bilhões), com a Argentina em queda de 18,5%, e as importações cresceram 4,2% (US\$ 14,15 bilhões). No T3/2026, os embarques ao bloco recuaram 7,7% frente ao T3/2025, e a queda é do setor automotivo: automóveis de passageiros (-36,1%; -US\$ 451 milhões), autopeças (-25,1%; -US\$ 130 milhões) e veículos de carga (-15,7%; -US\$ 62 milhões) somam -US\$ 643 milhões, mais que a queda total (-US\$ 537 milhões). Do lado das importações, que subiram 7,2% frente ao T3/2025, os veículos de carga e de usos especiais lideram (+22,7%).

Exportações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Automóveis de passageiros	796,6	-36,1	-2,5	12,4
2	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	388,0	-25,1	+4,9	6,0
3	Veículos de carga e de usos especiais	329,7	-15,7	+21,7	5,1
4	Petróleo bruto	268,6	-	-24,0	4,2
5	Energia elétrica	236,4	+22,6	+755,4	3,7
Total		6.441,0	-7,7	+8,2	100,0

Importações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Veículos de carga e de usos especiais	1.064,3	+22,7	-2,7	20,8
2	Automóveis de passageiros	385,7	-7,5	-10,0	7,5
3	Trigo e centeio	329,6	-9,8	+2,1	6,4
4	Leite e laticínios (exceto manteiga e queijo)	216,0	+26,6	+11,8	4,2
5	Energia elétrica	194,8	-11,5	-15,0	3,8
Total		5.129,0	+7,2	+3,4	100,0

México

De janeiro a setembro, frente ao mesmo período de 2025, as exportações ao México cresceram 14,8% (US\$ 6,61 bilhões) e as importações, 34,9% (US\$ 5,98 bilhões). No T3/2026, as importações subiram 47,0% frente ao T3/2025, e as máquinas de processamento de dados (US\$ 730 milhões; +408,7%) explicam 77% desse aumento (+US\$ 587 milhões de US\$ 761 milhões). Do lado exportador, a soja (+432,2%; +US\$ 253 milhões) supera sozinha o aumento total das exportações no trimestre (+US\$ 197 milhões; +8,5%), compensando a queda das carnes de aves (-61,3%; -US\$ 194 milhões).

Exportações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Soja	311,8	+432,2	-5,1	12,4
2	Carne bovina	232,1	-1,9	+56,2	9,2
3	Automóveis de passageiros	169,3	-2,0	+9,9	6,7
4	Veículos de carga e de usos especiais	149,5	+50,9	+20,6	5,9
5	Carne de aves	122,6	-61,3	-29,5	4,9
Total		2.519,7	+8,5	+9,1	100,0

Importações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Máquinas de processamento de dados	730,4	+408,7	+129,4	30,7
2	Partes e acessórios de veículos (autopeças)	272,3	+6,6	+14,7	11,4
3	Automóveis de passageiros	228,3	+78,4	-34,2	9,6
4	Veículos de carga e de usos especiais	144,1	+92,2	-3,7	6,0
5	Instrumentos de medição e controle	101,8	+12,9	+7,0	4,3
Total		2.382,4	+47,0	+18,2	100,0

Canadá

De janeiro a setembro, frente ao mesmo período de 2025, as exportações ao Canadá cresceram 12,1% (US\$ 5,69 bilhões) e as importações, 14,9% (US\$ 2,72 bilhões). No T3/2026, as exportações subiram 20,8% frente ao T3/2025 (US\$ 2,03 bilhões), com o ouro não monetário (US\$ 1,05 bilhão; 51,8% da pauta; +42,8%) responsável por 90% do aumento. As importações recuaram 7,0% frente ao T3/2025, com os fertilizantes (53,5% do total importado do país) 21,1% menores.

Exportações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Ouro não monetário	1.050,7	+42,8	+5,0	51,8
2	Alumina	292,3	-7,7	+7,8	14,4
3	Açúcares e melaços	167,3	+32,7	+203,0	8,3
4	Aeronaves e partes	69,5	-28,0	+103,5	3,4
5	Café não torrado	52,3	-30,2	-18,1	2,6
Total		2.026,7	+20,8	+10,5	100,0

Importações

#	Produto	T3/26 (US\$ mi)	Var. % s/ T3/25	Var. % s/ T2/26	Part. % T3/26
1	Adubos e fertilizantes químicos	494,3	-21,1	-18,2	53,5
2	Motores e máquinas não elétricos (inclui turbinas)	70,4	-2,7	-43,6	7,6
3	Aeronaves e partes	57,9	+162,3	+17,1	6,3
4	Outros medicamentos (inclui veterinários)	37,3	+89,0	+6,4	4,0
5	Polímeros de etileno	29,1	+8,3	+61,7	3,1
Total		924,7	-7,0	-11,0	100,0

Fonte dos boxes: MDIC/Secex (ComexStat); elaboração própria. Cinco principais produtos de cada lado, ordenados pelo valor do T3/2026; a linha Total refere-se a todo o comércio com o parceiro. Os valores de janeiro a setembro citados no texto vêm da Tabela 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço das exportações para a UE e a Índia parece resultar principalmente do deslocamento de alguns produtos entre destinos, e não da criação de novos fluxos comerciais. No T3/2026, frente ao T3/2025, as exportações de petróleo bruto aumentaram US\$ 1,61 bilhão para a UE, US\$ 1,51 bilhão para a China, US\$ 0,62 bilhão para a Índia e US\$ 0,40 bilhão para a ASEAN, enquanto recuaram US\$ 0,62 bilhão para os Estados Unidos. No caso da carne bovina, a queda de US\$ 2,12 bilhões nos embarques para a China foi parcialmente compensada pelo aumento de cerca de US\$ 1,20 bilhão para os demais destinos. Já UE e Índia concentraram 80% das exportações brasileiras de cobre no trimestre.

O acordo Mercosul–UE cria condições para um ganho estrutural nas relações comerciais, mas seus efeitos ainda não podem ser isolados nos dados agregados. A conversão do acesso formal em aumento efetivo das exportações dependerá, entre outros fatores, da capacidade das cadeias brasileiras de atender às exigências sanitárias e ambientais do mercado europeu.

Os dados de setembro permitem uma primeira avaliação de quatro pontos ainda em aberto. A suspensão sanitária em vigor desde 3 de setembro não produziu, até o momento, uma ruptura no valor total das exportações para a UE, embora seus efeitos sobre as exportações de carnes só devam aparecer com maior clareza nos dados do T4. O regulamento europeu antidesmatamento (EUDR), que entra em vigor em 30 de dezembro, alcança pelo menos 22,2% das exportações brasileiras para a UE, considerando café, farelo de soja e soja, além de produtos como celulose e carne bovina. Na China, a retomada prevista para novembro permitirá avaliar quanto do recuo da carne bovina é temporário. Nos Estados Unidos, o T3/2026 corresponde apenas ao primeiro trimestre sob as Seções 301, em vigor desde 22 e 24 de julho. O T4 será, portanto, o primeiro período integralmente submetido às novas tarifas, em um contexto de negociação iniciada em 30 de setembro e de ação ainda pendente na Corte de Comércio Internacional.

Para a política comercial, os dados indicam que o foco deve estar, neste momento, na consolidação do acesso já conquistado, e não na expectativa de novos saltos que ainda não encontram respaldo nos resultados. Isso envolve avançar na questão sanitária com a UE, cujo desfecho depende de decisão europeia, preparar as cadeias exportadoras para as exigências do regulamento antidesmatamento e ampliar o valor agregado nos setores em que o Brasil já apresenta competitividade, como cobre, celulose e farelo de soja.

Em síntese, apesar do impacto negativo da política tarifária americana sobre o comércio com os Estados Unidos, segundo maior parceiro do Brasil entre os países, cuja corrente de comércio recuou 6,8% de janeiro a setembro, o comércio exterior brasileiro mostra vitalidade: no acumulado do ano, frente ao mesmo período de 2025, as exportações crescem 10,4% e a corrente de comércio, 8,0%. O resultado combina movimentos de preço favoráveis com o ganho de espaço em mercados como a UE e a Índia e com a diversificação de fornecedores, como nos fertilizantes.

Notas metodológicas

Fontes: MDIC/Secex (ComexStat), extrações de 06/10/2026, com dados revisados da divulgação de setembro. A Tabela 3 reproduz a tabela Países e Blocos do MDIC, que usa uma definição de UE ligeiramente menor que a do ComexStat, adotada nas demais seções.

Recortes: produtos comparados no T3/2026 frente ao T3/2025 e ao T2/2026; destinos e origens, em janeiro a setembro frente ao mesmo período de 2025; Estados Unidos, em janeiro a setembro de 2024, 2025 e 2026.

Classificação da OMC: agrupamento da CUCI Rev. 3 em quatro blocos, conforme o World Trade Statistical Review 2023, cap. 4.

Volume e preço: índices de preço e quantum (IPQ) do MDIC. As variações em toneladas usam o peso líquido do ComexStat e não equivalem a esses índices.

Plataformas: o valor das importações inclui plataformas e outras estruturas flutuantes (CUCI 793c), que não se refletem nos índices de volume e preço.

Fertilizantes: grupos 562, 272b e 272c da CUCI; participações calculadas sobre as toneladas importadas.

Tarifas dos EUA: situação em 06/10/2026, segundo USTR e USITC.

Ficha técnica

Coordenação editorial
Fernanda Cimini
Manoel Corrêa do Lago
Laís Ramalho

Pesquisa e redação
Julia Soares
Lucas Gribel



**Centro Brasileiro de
Relações Internacionais**

Rua Marquês de São Vicente, 389
Gávea - Rio de Janeiro – RJ - Brasil
22451-044

Tel: +55 (21) 2206-4400

cebri@cebri.org.br

www.cebri.org